

O sofrimento da perda no filme *Madres Paralelas*

Ficha técnica

Título: Madres Paralelas (Original)

Ano produção: 2021

Dirigido por: Pedro Almodóvar

Estreia: 09/2021 (internacional)

Duração: 120m

Classificação: 18 anos

Lorhayne Costa Braz

Sabrina Barbosa¹

Madres Paralelas é um filme espanhol de Pedro Almodóvar, produzido pela Sony Pictures, cuja estreia se deu no ano de 2021. A película relata a história de duas mulheres, Janis e Ana, que se conhecem pouco antes do nascimento de suas filhas no hospital e compartilham suas novas experiências de vida. O filme trata sobre o tema da troca de bebês e da maternidade solitária, especificamente no contraponto da história de uma mulher madura e outra adolescente. Essa narrativa se desenvolve enquanto outros temas são tratados no drama, como a tentativa de reparação depois de fatos violentos por meio de uma escavação para procurar corpos de vítimas da guerra franquista a fim de honrar suas memórias. No entanto, a maternidade é o tema principal do filme e é o motor narrativo da vida das duas personagens principais.

Apesar dos inúmeros temas sociais relevantes que poderíamos refletir nesta resenha, esperamos analisar e problematizar os seguintes pontos: primeiro, a maternidade inesperada a partir de duas perspectivas de vida distintas, com base nas personagens Janis e Ana; segundo, a ausência da figura paterna nos históricos familiares e na gravidez das mulheres; terceiro, o dilema entre as realizações maternas e profissionais, com base na personagem Teresa, a mãe de Ana. Quarto, a supervalorização dos laços sanguíneos no conflito da troca dos bebês. Por último, a construção da memória histórica como uma

¹ Graduandas em Letras - português/espanhol pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL-UFRJ). lorhaynecosta@letras.ufrj.br, sabrinapbarbosa@letras.ufrj.br

forma de reparação depois da violência, baseando-se na escavação em busca dos corpos das vítimas da guerra franquista.

Sobre o primeiro ponto, a maternidade inesperada a partir de duas perspectivas de vidas distintas, com base nas personagens Janis e Ana, Almodóvar aborda a representação da responsabilidade e afeto materno a partir de duas mulheres de diferentes gerações e que apresentam atitudes perante a nova experiência em suas vidas. No início do filme, o diretor mostra que Janis e Ana vivem a mesma emoção, através da cena em que compartilham o momento do nascimento das respectivas filhas. Porém, em paralelo, o diretor também mostra que as duas se encontram em realidades opostas, posto que Janis é uma mulher madura e independente que deseja desfrutar da sua plenitude como mãe e Ana, por sua vez, é uma jovem que teme o futuro.

Sobre o segundo ponto, a ausência da figura paterna nos históricos familiares e na gravidez das mulheres, o diretor, ao longo do filme, traz, por meio de poucas menções, a falta de empatia que os homens têm com as mulheres. A rejeição de Arturo, companheiro de Janis, exposto pela sua resposta no momento em que Janis conta que está grávida: “eu adoro a ideia de ter um filho com você, Janis, sério, mas eu não sei se é o melhor momento pra isso.”, e depois de nascida não a reconhece como sua filha, o que representa o egoísmo masculino que vê o filho como uma escolha, então, esta mulher decide enfrentar a maternidade sem apoio. O mesmo ocorre com Ana, visto que seu pai não quer ajudá-la e muito menos o pai da sua filha, visto que a gravidez é fruto de uma violência sexual que foi abordada superficialmente no filme. Desta maneira, pode-se notar que a vida como mãe solteira é uma marca constante entre as figuras femininas deste melodrama.

Em relação ao terceiro ponto, o dilema entre as realizações maternas e profissionais, com base na personagem Teresa, a mãe de Ana, que representa uma mãe que tem muito desejo de realizar seu sonho na vida profissional e, para ela, a maternidade não era um objetivo principal. Isso está esclarecido em dois momentos do filme: por um lado, na cena em que Teresa mantém uma conversa com Ana, onde demonstra que sente tristeza e remorso por ter sido ausente na vida de sua filha ao deixá-la quando era pequena com seu

pai. Isso é transmitido na conversa pela tensão que a personagem reflete fumando um cigarro, as expressões de angústia que faz, além de se chamar de “indigna” uma vez que se sente culpável. Por outro lado, na cena do monólogo da audição como atriz, expõe a ideia de que não conseguiu se desenvolver como atriz depois de ter tido sua filha. Neste filme, depois do nascimento da sua neta, Teresa decide se pôr como prioridade para assim se sentir realizada de verdade, mas, por outro lado, Ana se sente indefesa por não ter o apoio da sua mãe em um dos momentos mais delicados da sua vida, e, a partir disso, surge um dilema sobre quem ou o que deveria ser priorizado: a filha e a neta ou desejos pessoais de Teresa.

Sobre o quarto ponto, a supervalorização dos laços sanguíneos, o diretor retrata como os laços sanguíneos parecem prevalecer sobre aqueles que são criados na relação entre uma mãe e sua filha, embora não tenham ligações biológicas. Isso é representado na cena em que Ana tira o bebê de Janis, assim que sabe que a menina é, na verdade, sua filha biológica. A cena começa com uma tensão que se estende do fundo sonoro melancólico até a postura nervosa de Janis. O fundo carrega um suspense que deixa os telespectadores ansiosos ao ver a reação de Ana, uma vez que parece apaixonada por Janis e faz de tudo para ficar com ela. A escuridão do ambiente reproduz a escuridão do que se passa no momento, a música segue, enquanto o foco que se dá no rosto de Ana e no resultado da prova da maternidade. Ao ler, Ana descobre a verdade: a menina era, de fato, sua filha biológica. Ana fica furiosa, até muda sua postura em relação a Janis no mesmo momento em que descobre que lhe ocultou a verdade.

Por último, a construção da memória histórica como uma forma de reparação depois da violência, baseado na escavação para procurar corpos de vítimas da guerra franquista. Vamos analisá-lo a partir do relato de Janis a Arturo, quando lhe mostra os retratos das vítimas, e então as nomeia uma por uma, o que as caracteriza e dá, ou devolve, a identidade dessas pessoas. Esse ponto também é observado quando os familiares contam as histórias das vítimas para Janis e Arturo, que buscavam informações para iniciar as escavações a fim de reconhecer e enterrar dignamente as vítimas. Ademais, na cena final do filme, que quando esse objetivo é alcançado e os familiares podem se despedir, se

produz um sentimento em que se misturam dor e justiça, com a imagem dos familiares caminhando com fotografias em homenagem aos mortos, enquanto toca um fundo musical triste, e passando a câmera lentamente no rosto de todos e logo focando nos restos mortais de cada uma das vítimas. Depois disso, os corpos dos vivos, representados no túmulo como mortos, também nos fazem despertar o sentimento de empatia, ao projetar a sensação de nos colocarmos no lugar do outro.

A partir dos cinco pontos analisados nesta resenha, gostaríamos de problematizar algumas questões finais em relação ao nosso próprio contexto. O primeiro seria a atitude de Arturo, que representa a ausência da figura paterna no filme, e é um reflexo que vivenciamos na sociedade brasileira. Com base em dados do Portal da Transparência do Registro Civil, os cartórios anunciaram que houve um recorde com 320 mil crianças sem o nome paterno no período da pandemia. É relevante dizer que a falta de uma relação afetiva entre o pai e filho causa um impacto individual negativo e forte na vida da criança. Além disso, também causa impacto social, pois é um problema de grande proporção, dado o sentimento de abandono que pode causar nos indivíduos, no entanto é abordado com normalidade e de forma superficial. Desse modo, nos questionamos: por que o pai ausente é normalizado e a mulher que não quer ser mãe é criticada?

Sobre o tema da maternidade em oposição ao sucesso profissional, destaca-se os conflitos internos que essa questão pode causar na vida das mulheres devido à necessidade de conciliar, com sucesso, as duas responsabilidades. Vemos uma citação importante sobre essa questão social: “Maternidade e trabalho são vividos imaginariamente como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual, o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestir proporcional no outro” (Jerusalinsky, 2008).

Ao longo da vida, os filhos estão presentes no cotidiano das mulheres como algo ligado ao seu papel social, entretanto, atualmente existem muitas mulheres brasileiras que não querem ser mães ou que preferem se realizar profissionalmente antes de passarem pela interferência que um filho causa na vida de uma mulher e, por isso, pode ser uma atitude desaprovada, uma vez que a imagem feminina está associada à reprodução.

Voltando à temática da produção, vemos como Teresa é uma personagem que é produzida como uma mulher confusa e ansiosa no filme, devido às suas frustrações de ter que escolher entre as duas áreas, mas nunca ser feliz. Apesar dos conflitos pelos quais passou, como se afastar da filha pequena, estar em uma idade que parece inadequada para atuar, mas ao mesmo tempo não desistir da carreira, o tempo todo no filme, Teresa é retratada como uma pessoa egoísta que não se importa com sua filha e neta, e não como uma mulher sonhadora e persistente. Já no momento em que Ana se torna mãe, espera-se novamente que Teresa abdique da carreira para ficar com Ana, e então o eterno conflito se repete. Isso nos leva a outras questões como: por que é mais aceitável que um pai viva longe do filho, e esse ato não seja entendido como abandono? Por que a responsabilidade de um filho é quase inteiramente da mulher e se acontece o contrário é assustador?

Acerca do tema da supervalorização dos laços de sangue, percebe-se através do posicionamento de ambas as mães da menina, especialmente Ana. Ao saber que os bebês foram trocados na maternidade e que a filha de Janes, na verdade, era sua, Ana de repente toma a menina, pois ignora todas as questões envolvidas nessa situação, como direitos legais, uma vez que a menina, em registro, era filha de Janes, e ignora acima de tudo o vínculo emocional entre a criança e sua mãe não biológica. Também é interessante destacar a posição de Janes, uma vez que em nenhum momento mostrou resistência em desistir da menina, não porque não a amasse, mas porque, como não era sua filha de sangue, acreditava estar em posição de menos direito do que Ana, a mãe biológica, e por isso lhe deu a bebê. Em um relato bíblico, Salomão, rei de Israel, ordenou que um bebê fosse dividido ao meio para entregar cada metade às duas mulheres que lutavam pelo filho, então, a mãe biológica desiste de lutar pela criança para mantê-la viva mesmo que o entregasse para a outra. Ao mesmo tempo em que essa história se assemelha ao caso do filme, a menina entre duas mães, é o contrário que acontece, já que Ana, mãe biológica, que raramente via a filha, não criou nenhum vínculo afetivo com a menina, porém, a levou sem pensar em nada e em ninguém, principalmente no bem-estar da criança, enquanto Janes, mesmo com toda a dor, desistiu da filha, pensando primeiro no bem-estar da menina.

Por fim, no que diz respeito à reparação e reconstrução da memória histórica, vemos como, desde o início, o assunto é tratado no filme, enfatizando os rostos, nomes e histórias das vítimas. Isso nos comove por sabermos que a invisibilidade da dor é um fato que infelizmente esteve presente em muitos períodos violentos na história da humanidade, e que ainda são atuais, por exemplo, no cone sul da América, onde ainda existem fatos ocultos sobre as atrocidades cometidas nas ditaduras militares. Esse tema nos sensibiliza com uma noção de um passado no presente, e que os tempos e as guerras mudam, mas não as vítimas. Podemos perceber que esse ponto é tratado no filme não apenas pelo aspecto sentimental, mas também pelo vínculo entre luto e justiça reparadora. O que é inclusive o foco principal e funciona como um convite à reflexão e à luta.

Portanto, pode-se dizer que o filme cumpre seu papel de drama, o diretor trabalha três temas aparentemente sem nada em comum entre eles, porém falam do mesmo sentimento, o sofrimento da perda, vividos de diferentes maneiras. Uma mãe que perdeu sua filha para a morte, mais tarde descobre que ela é mãe de uma menina viva e, conseqüentemente, outra mãe perde sua filha, desta vez, viva. De uma mulher que é mãe e sonhadora, que perde a filha para conquistar sua carreira, mas não a conquista por completo. Também retrata a perda sentida pelos familiares das vítimas da guerra e, sobretudo, a vida que esses perderam. Assim, gostaríamos de encerrar com as seguintes perguntas: É cuidado ou sangue que define alguém como mãe? Ou melhor, como uma boa mãe? É preciso perder-se para ganhar um filho ou ganhar um filho e perder-se? Há justiça na memória que repare o sofrimento da perda?

Bibliografia

JERUSALINSKY, Julieta. Angústia na pós-maternidade. APPOA Os tempos do sujeito. n. 35. Porto Alegre: APPOA, julho/dezembro 2008.